OTACÍLIO COLARES, O MESTRE DO SONETO

Sânzio de Azevedo

Ao falar, hoje, sobre a poesia de Otacílio Colares, não tenho a intenção nem a pretensão de fazer crítica. Pode até ocorrer que se encontre, ao longo deste breve trabalho, uma ou outra notação crítica, à medida que o debruçar-se sobre um texto literário dificilmente deixa de pressupor uma atitude valorativa.

Mas o certo é que há algum tempo planejava eu escrever, para publicação em tempo oportuno, um artigo sobre os 70 anos do escritor Otacílio Colares, professor da Universidade Federal do Ceará e membro efetivo da Academia Cearense de Letras, nascido nesta cidade de Fortaleza, no dia 1º de setembro de 1918.

Entretanto, o que deveria ser uma página de comemoração quis o destino se transformasse numa homenagem póstuma ao poeta, falecido no dia 6 de abril de 1988, na mesma cidade, deixando uma obra das mais significativas da literatura cearense.

Tendo estreado em livro com **Os Hóspedes** (1946), de parceria com Aluízio Medeiros, Antônio Girão Barroso e Artur Eduardo Benevides, publicaria, ainda, **Poesias** (1947), **O Jogral Impenitente** (1965), **Os Saltadores de Abismos** (1967), **30 Poemas para Ajudar** (1968), em colaboração com Antônio Girão Barroso e Cláudio Martins, **Três Tempos de Poemas** (1973), **Entre o Bem e o Mal** (1979) e **A Medida do Ser** (1983), todos de poesia. No campo do ensaio, fez editar **Dois Estudos Portugueses** (1976), cinco volumes da série **Lembrados e Esquecidos** (1975 a 81) e **Incursões Literárias** (1980), deixando ainda as **Crônicas da Fortaleza e do Siará Grande** (1980). Não obstante o valor de sua obra ensaística, sobretudo quando resgata a memória de vários escritores cearenses do passado, acredito que o nome de Otacílio Colares brilhará para a posteridade principalmente através da poesia e, no âmbito da poesia, através do soneto, de que se tornaria mestre incontestável.

Praticando o poema petrarquiano desde os dias da adolescência, é de 1936 o soneto *O Mar*, do qual me deu cópia manuscrita, e cujos versos, já perto dos 70 anos, ainda sabia de cor:

É noite. Olhai o mar, medonho, gemebundo,
bravo, o dorso empolando aos raios do luar.
Minotauro é tal qual, dum labirinto ao fundo,
em doudos repelões o corpo a serpejar.

Como ele é belo assim, por tal forma iracundo,
furioso no contínuo e horrendo espanejar.
Olhai: contrai-se agora, e na mudez, profundo,
é como serpe horrenda o salto a preparar.

Passa um vento rasteiro, em sua eterna ronda.
E ele - o oceano - a ulular, correndo encontro à praia,
sobre ela em torvelins de espumas se esbarronda.

Ferve, agarra-se à terra, e esfalfa-se e desmaia,
e ao leito retrograda, em busca de outra onda,
deixando sobre a areia um manto de cambraia.

Vazado em alexandrinos clássicos, de nítido recorte parnasiano, seguindo o esquema rimático ABAB ABAB CDC DCD, sendo que os tercetos trabalham apenas com duas rimas, o que os torna de mais difícil composição, este soneto aqui figura para mostrar a segurança com que, aos 18 anos de idade, já versejava o autor de **O Jogral Impenitente**.

O poeta realizava-se plenamente no poema de versos livres, na barcarola em heptassílabos, na trova ou no acalanto em pentassílabos, mas de fato se consagrou pelo cultivo do soneto, onde, ao que tudo indica, parecia sentir-se mais à vontade.

Exemplo de sua técnica na expressividade do verso livre é o poema "Atitude", de **Poesias**, o único livro que não possuo do poeta, e que pude ler graças à gentileza do crítico F. S. Nascimento:

Não julgar os homens pelo hórrido semblante.
Lembrar que apenas as almas estão perturbadas.
Não esquecer que o espírito sobrepaira, malgrado tudo.
Porque a luta não é das frondes buscando azul e ventos,
que os ventos estão desarvorados!
É a luta suavemente dolorosa das raízes penetrando a terra
sem a percepção do sobrevir dos frutos...

Agora, um trecho apenas da "Barcarola" que figura no livro **O Jogral Impenitente**:

Velas pendas, vento forte,
barco leve sobre o mar...
Portos novos, mil surpresas,
mil línguas a decifrar...

Meus desejos de criança,
nunca os pude realizar.

Águas mansas, calmarias,
canções para me berçar...

Com rimas apenas nos versos pares, a presença da alusão às águas confere ao texto o acento essencial das barcarolas de origem italiana.

Também em redondilho maior, a trova está presente no mesmo volume, de onde retiro esta, intitulada "De Amor":

Por capricho foste amada,
por amor me fiz amante.
Teu capricho deu em nada,
meu amor ficou constante.

Dos **30 Poemas Para Ajudar** é o "Acalanto do menino viajante", poema do qual destaco estas duas estrofes:

Menino que esperas
a longa viagem,
de belo semblante,
cabelos castanhos...

Menino que, há pouco,
com a vida brincavas,
no brinco inocente
das puras manhãs,
e que és o retrato
das outras crianças,
se agora adormeces,
como hás de acordar?

O soneto, porém, foi o seu gênero predileto na poesia, e aquele no qual mais se destacou, a ponto de Joaquim Alves, ao comentar o livro "Os Hóspedes", fazer esta afirmação: "O soneto constitui a nota impressionante do verso de Otacílio Colares."[1]

Depois de praticar o soneto parnasiano, o poeta chegou a compor poemas de dois quartetos e dos tercetos, mas em versos livres e sem rimas, como o "Poema dos Quatro Cantos", que se inicia assim:

A um canto o homem frívolo e necessário:
o aparelho de barba, o sabonete, a escova de dentes,
o espelho onde se reflete todos os dias
a tristeza da minha carne indefensável.

Este poema irá reaparecer, com outra disposição gráfica, em **O Jogral Impenitente**, 19 anos depois.

Mas no mesmo livro, **Os Hóspedes**, se encontra o "Soneto à Antiga", onde é clara e certamente deliberada a dicção camoniana:

Perdoai-me, senhora, se, rendido
Aos estranhos encantos de outra dona,
Meu coração do vosso distraído
Por outra no momento se apaixona.

Ah! não me houvésseis vós apetecido
E do meu ser feito chegar à tona
Um mundo estranho, há muito convertido
Em cinza que se esmói e se abandona,

Não seria de mim que recebêsseis,
Agora, a breve nênia comovida
De quem parte ao deixar alguém chorando.

Pois fostes vós - quisera me entendêsseis: -
Que o morto amor em mim ressuscitando,
Vos tornastes um ponto de partida...

É louvável a autenticidade desse poeta que, membro do Grupo Clã (grêmio responsável pela consolidação definitiva do Modernismo no Ceará), freqüentava o soneto num tempo em que, em nosso Estado, de modo geral, os jovens se escusavam de fazê-lo. Foi por

isso que Fran Martins fez esta observação a respeito do poeta: "Nasceu poeticamente entre revolucionários mas, sem ser reacionário, conservou os seus próprios sentimentos."[2] É interessante notar que o **Soneto à Antiga**, com alteração no verso 10, de "breve nênia" para "doce nênia", seria incluído em **A Medida do Ser**, último livro do poeta, 37 anos depois...[3]

A dicção camoniana permaneceria, pelo tempo afora, povoando grande parte dos sonetos do autor. De **Poesias**, seu segundo livro, é o "Soneto de Amor e Orgulho", no qual Aluízio Medeiros pôde com razão encontrar "um sabor clássico da melhor tradição portuguesa":[4]

Se agora cá me tendes tão cuidoso,
Senhora, é que me sois o bem amado
E eu sei de mim que sou mais venturoso
Do que jamais o houvera desejado.

Que ninguém não me estranhe se, orgulhoso
Vou vivendo esta vida sem enfado,
Que não condena o amor ao venturoso
Que acaso soube haver o seu agrado

Se consegui de vós o amor que tenho,
Que a alguém não pese o meu sorrir, Senhora;
se o conquistei foi muito suspirando.

E não foi de tão fácil desempenho
O drama que hei vivido, antes que agora
Leve esta vida em que me vou cantando.

Certa vez escreveu Amadeu Amaral: "Há muita gente que ainda supõe que o poeta tortura as idéias na grelha dos versos. Tal coisa só se dá com os maus poetas."[5] Otacílio Colares, já senhor de todos os segredos do decassílabo, abre o livro **O Jogral Impenitente** com o soneto "O Jogral", em que o poeta como que responde aos que por acaso pensem que, para escrever um soneto, é mister forçar a aparição dos versos à custa da medição das sílabas e do engastamento das rimas:

Eu faço versos como quem procura,
certo de achar, sem dor nem sofrimento,
na Musa amiga, indevassada e pura,
o desejado e justo valimento.

Nada me dói da mágoa que enclausura
a outros mais tristes o áureo pensamento
que esse me vem, de manso e sem tortura,
ao tempo azado e em cada bom momento.

Tédio em mim não se dá de ausente havê-la,
por tempo prolongado a caprichosa
Poesia, que me serve ao seu agrado.

E a rir me vou, feliz de assim querê-la,
furtiva às vezes, outras, dadivosa
com o ar feliz do que se sabe amado.

Com efeito, não se sente na sua poesia a incômoda presença daqueles "andaimes do edifício" de que falava Bilac no famoso soneto "A Um Poeta". Por isso, Moreira Campos, prefaciando **O Jogral Impenitente**, pôde afirmar: "Não há nele, por assim dizer, a preocupação da rima: esta, quando necessário, flui, virá, ocorrerá, porque deverá antes subordinar-se à mensagem ditada pelo verso".

Tão autêntico era o poeta que, ao lado do verso livre e do soneto decassílabo, não desdenhou a prática do alexandrino, embora este metro lembre mais do que outro clima de sincretismo do Pré-Modernismo, quando se misturavam a plasticidade parnasiana e a musicalidade simbolista. E é em versos de 12 sílabas que é composto o soneto "Faunesca", do mesmo livro:

Na aspereza da relva e à carícia do vento,
ao teu quisera unir o meu corpo em delírio,
librando a carne em febre ao lôbrego martírio
e erguendo para os céus a luz do pensamento.

Seria amor pagão mas de pecado isento
- no altar de almas irmãs edificante círio -
sem sombra a macular a limpidez do lírio
que o cálice abriria ao frio do relento.

Haveria o silêncio apenas harpejado
pelo arfar do teu seio em timidez na oferta
do almo filtro a enrijar o alvi-rosado seio.

E haveria, depois, no côncavo estrelado
um bemol de acalanto, uma canção incerta,
a berçar docemente a vida que não veio.

Quem ler os **Os Saltadores de Abismos**, que é o quarto livro do autor, vai deparar-se, no prefácio de Mozart Soriano Aderaldo, com uma revelação curiosa. É quando o autor de **Livros e Idéias**, reportando-se aos dias em que ele e o poeta eram jovens, lembra: "Naqueles já recuados tempos chegamos, mesmo. a polemicar acerca de sua legítima vocação de sonetista, que ele não queria aceitar, na convicção de que se tratava de molde superado e próprio de correntes passadas".

A verdade é que Otacílio se convenceria de sua aptidão para o cultivo da chamada "flor medieval", que praticaria cada vez com mais dedicação e perícia. Nem poderia agir de outra forma quem escreveria o "Soneto em Tons Menores", poema onde o recorte clássico se coaduna perfeitamente com o tema, que se resolve numa filosofia, se não estóica, pelo menos desambiciosa das coisas supérfluas, como já tive oportunidade de assinalar na minha **Literatura Cearense** (1976). Trata-se, a meu ver, de um dos mais belos e bem construídos sonetos não só do autor, mas de toda a lírica cearense:

Possam outros gozar tranqüilidade
mais do que nós e mesmo da riqueza
fruir delícias, na insinceridade
dos bens terrenos, com maior largueza.

Possam alguns, em triste fatuidade,
julgar-se donos de imortal grandeza,
tomando o quanto pela qualidade
ou o que é simples disfarce por beleza.

Aqui por onde estamos ficaremos:
nem de todo enganados nem sofridos
demais, antes, com o quanto merecemos.

Para que em nós os dias já vividos,
não sendo inferno a que nos condenemos,
também não sejam céus imerecidos...

Falando da consolidação do Modernismo no Ceará, observou Antônio Girão Barroso que "Otacílio, cedo impregnado de outro espírito, derivou para uma forma de poesia que nele não era de modo nenhum saudosismo, porque se ligava antes à sua própria formação humanística, que muitos de nós, digamos os mais radicais, não possuíamos".[6]

Dos **Três Tempos de Poesia** "O Reencontro" nos mostra o poeta em plena madurez, a meditar sobre os perdidos ideais da juvendtude, mas ainda amparado pela Poesia, vocábulo que grafa com maiúscula alegorizadora:

A Poesia chegou, tenho-a comigo,
não sei por quanto tempo, mas presença
tão forte e decisiva qual sentença,
e estou feliz de tê-la como abrigo.

Agora, é ver acaso se consigo,
eu que por seu amor me faço crença,
achar o meio ideal pelo qual vença
do desencanto o incômodo inimigo.

- Onde os anjos de outrora? A Poesia,
inefável mas forte, se apodera,
nas fibras do meu ser, do mais profundo.

- E o amor? e o sonho? e as ilusões? e o dia
de amanhã, onde estão? E essa quimera
com que eu partira, a conquistar o mundo?

Em 1979 tive a honra e o prazer de prefaciar o livro **Entre o Bem e o Mal**, e me permito reproduzir alguns breves trechos dessa introdução. O certo é que um dia, de tão constantemente praticado, o soneto parece que passou a ser, formalmente, algo como um jogo muito fácil, do qual o jogador já conhecesse todos os segredos. E assim como Guilherme de Almeida, o extraordinário artífice de **Nós**, de **Raça** e de **Rosamor**, estava sempre em busca de novas formas, Otacílio Colares, procurando talvez levar às últimas conseqüências seu virtuosismo na arte do soneto, aparece-nos agora, não simplesmente com alguns novos sonetos, mas com nada menos do que uma

coroa de sonetos, na abertura da qual mostra a intenção lúcida que norteou seu trabalho:

No verde de paisagem do papel
intento dar relevo às coisas mortas
a ver se, por acaso, em linhas tortas,
logro ordenar idéias em tropel.

Sem voz, sem alaúde, menestrel
sou, deslocado, em face de atras portas
que à minha voz se fecham, quais comportas,
ante o caudal dos versos do segrel.

De uma viagem que se faz em meio
- certo mais do que em meio e, sim, final -
o tempo há de sobrar, eu penso e creio,

Para que os tons menores do jogral
façam-se ouvidos - músicas de anseio -
mesmo não sendo um canto triunfal.

A coroa de sonetos do poeta cearense está dentro do rigor do gênero que, segundo augusto Meyer, se compõe "de quinze soneto, repetido sempre obrigatoriamente o último verso, que serve de verso inicial no soneto seguinte; o último da série, coroação do poema, recapitulando as repetições, compõe-se dos versos que passaram de soneto a soneto".[7]

O autor de **Os Saltadores de Abismos** construiu uma coroa de sonetos de acordo com o que a maioria dos tratadistas brasileiros considera uma legítima coroa de sonetos. E foi extremamente exigente consigo mesmo, ao fazer com que os primeiros catorze sonetos de sua coroa seguissem rigorosamente o esquema rimático ABBA ABBA CDC DCD.

Os dois últimos livros de poesia de Otacílio Colares são compostos exclusivamente de sonetos: **Entre o Bem e o Mal**, já foi dito, é uma cora de sonetos; e **A Medida do Ser** reúne produções de vários livros, sendo poucas inítidas, mas todas no seu gênero preferido.

Por sinal, no soneto que dá título ao volume, uma vez mais o artista fala do ato da criação poética, não disfarçando o prazer da construção do soneto, que, no caso deste, segue o esquema clássico por excelência:

Ponho em medida o ser que me emprestaram:
faço de metro e rima o meu compasso
e, se vítima sou de um descompasso,
caio em seus braços mansos, que me amparam.

Triste - sei - dos que em vida sempre acharam
em torno aos vôos seus mais amplo espaço;
por isto, a cada golpe e a cada abraço,
eis, rima e metro - amigos - me salvaram.

Quero-os sem procurá-los; acho-os quando
a mão se faz mais leve e o sentimento
transborda, e é rima que se vai ligando

Ao metro, e com tão doce encadeamento
que, mais vai sofrimento se achegando,
mais claro se me torna o pensamento.

Sem demérito para seus poemas noutras formas, como é o caso do belo "Momento em Jazz", de **Os Saltadores de Abismos**, em expressivos versos livres, não há dúvida de que no soneto está a nota mais característica da obra de Otacílio Colares. Tanto assim que José Alcides Pinto não hesita em asseverar: "Sua sensibilidade e seu conhecimento das peculiaridades do soneto e de sua expressão formal fizeram de Otacílio o seu melhor intérprete e representante".[8]

A obra poética de Otacílio Colares tem sido exaltada em prosa e verso. Além dos escritores já aqui referidos, trataram de sua poesia, através de artigos de crítica ou em cartas ao autor, homens como Manuel Bandeira, Otto Maria Carpeaux, Waldemar Cavalcante e, entre seus conterrâneos, Braga Montenegro, Yaco Fernandes, Raimundo de Menezes, Martins de Aguiar, João Clímaco Bezerra, José Valdivino e outros mais.

Quanto à homenagem em verso, Artur Eduardo Benevides, no livro **Viola de Andarilho**, de 1974, incluiu uma "Elegia Para Otacílio Colares", poema composto de três estâncias que na realidade são três sonetos petraquianos mas sem divisão entre as estrofes, à maneira dos sonetos ingleses. Escolho o de número 2, que transcrevo não na lição original, mas na forma que lhe deu posteriormente o poeta de **Arquitetura na Névoa**:

Pastor de nossa insônia, tem sonetos
Que renovam tranqüilas remembranças
E refazem-lhe a face em contradanças
Na leveza de lã de seus quartetos.
Poeta que a sonhar feriu-se em lanças
Os seus versos nos servem de amuletos.
Falam em tardes de outrora, são coretos
Em que valsas retornam como heranças.
Vendo o outono brilhar nos seus cabelos
Entendo que seu Canto foi tão puro
Que pôs em nosso olhar mares e apelos.
com beleza de rosa sobre um muro
Seu verso deixa em nós os velhos selos
De esperanças nos dias do futuro.

Por sua vez, Francisco Carvalho, na "Louvação em Oitava Rima", estampada na Revista **Clã** nº 28, de dezembro de 1982, assim se dirigiu ao poeta de que ora se trata:

Ó Saltador de Abismos, teus sonetos
são cordas do alaúde de Camões
ao celebrar seus numes prediletos
em madrigais, endechas e canções.
Cantas o amor nos puros dialetos
da saudade - monja dos corações.
Nos versos teus, por cristalinos modos,
soluçam bandolins, gemem rapsodos.

Ainda outros poetas celebraram em versos os versos do cantor de **O jogral Impenitente**: no livro **Frutos da Noite de Trégua**, de 1983, Linhares Filho diz, na sua "Ode ao Poeta Otacílio Colares":

Tirar um novo odor de vaso antigo,
eis teu ofício, nobre cavaleiro,
que ocultas esse nordestino jeito
sob um grave cantar renascentista.

No já citado número 28 da revista **Clã**, Horácio Dídimo, nos "Exercícios de admiração", inclui um soneto em versos tetrassílabos que, apesar de focalizar o prosador dos **Lembrados e Esquecidos**,

não deixa de aludir, direta e indiretamente, a dois livros de poesia do autor quando, na primeira estrofe, diz:

Vejo o jogral
empenitente
saltando o abismo
dos esquecidos.

Por tudo quanto foi dito, posso afirmar com inteira segurança que a obra de Otacílio Colares representa um capítulo importante da nossa moderna história cultural, perdendo as letras cearenses, com a morte do cantor de **A Medida do Ser**, um de seus maiores vultos em nossos dias. Entretanto, sua poesia ficará, garantindo-lhe o justo renome de grande poeta, e mestre do soneto no Ceará.

NOTAS

1) ALVES, Joaquim. **Autores cearenses**. Fortaleza, Edições Clã, 1994, p. 105.

2) MARTINS, Fran. Nota biográfica. In: MARTINS, Cláudio, BARROSO, Antônio Girão & COLARES, Otacílio. **30 Poemas para ajudar**. Fortaleza, s.d., p.72.

3) Falando dos autores de **Os Hóspedes**, escreveu Florival Seraine: "Otacílio Colares é o único dos quatro que não se peja de, ao lado da forma em verso livre, buscar acomodar a sua atividade estética às exigências da rima e do metro". (**Através da literatura cearense**. Fortaleza, Estudos, 1948, p.71).

4) MEDEIROS, Aluízio. **Crítica** (segunda série). Fortaleza, Edições Clã, 1956, p.60.

5) Apud CRUZ FILHO. **O soneto**. Rio de Janeiro, Elos, 1961, p.34.

6) BARROSO, Antônio Girão. "Otacílio e a poesia. Um antelóquio". In: Revista **Clã** nº 25, dez., 1970, p.139.

7) MEYER, Augusto. Prefácio. In: CAMPOS, Geir. **Coroa de sonetos**. Rio de Janeiro, Simões, 1953, p.8.

8) PINTO, José Alcides. Política da arte. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1981, p.72.